

Uma utopia racionalista: a presença da Sudene no campo intelectual do Recife (1959-73)

FLÁVIO WEINSTEIN TEIXEIRA*

Este trabalho faz parte de um esforço maior de pesquisa, cujos objetivos podem ser sintetizados em três: a) mapear o ambiente intelectual/cultural do Recife, no intervalo que cobre o fim do Estado Novo até os anos 1970; b) identificar os grupos de intelectuais e instituições mais relevantes deste cenário, a fim de verticalizar o conhecimento disponível acerca deles; c) compreender, a partir dos dados levantados, como se articulavam os principais grupos de intelectuais e instituições atuantes na cidade, quais questões mobilizavam suas atenções, qual a natureza de suas produções, como as tornavam públicas, quais recursos artísticos/intelectuais arregimentavam (suas influências, pressupostos, etc.), como, enfim, percebiam a si e como concebiam o trabalho que realizavam.

Essas são questões que venho tentando desenvolver desde a elaboração de meu doutoramento, *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico amador no Recife (1946-1964)*¹, que se constituiu em meu primeiro esforço de configuração desse campo cultural. O que pretendo com esse trabalho não é outra coisa que dar prosseguimento a essa linha de investigação e, tanto quanto possível, aprofundar algumas reflexões que naquele primeiro momento não puderam ser tratadas. Com vistas a isto é que este projeto pretende debruçar-se sobre o processo de criação da Sudene, ou, mais propriamente, de sua instalação no Recife, e os impactos que isto teve sobre o campo intelectual da cidade.

o O o

* Professor Doutor do Departamento e Pós-Graduação em História da UFPE.

¹ Ver Flávio Weinstein Teixeira. *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico amador no Recife (1946-1964)*; Recife: Ed. UFPE, 2007. Trabalho originalmente defendido como tese de doutorado, junto ao PPGH/UFRJ.

A possibilidade de vingar uma ideia com o grau de complexidade que uma instituição como a Sudene encerrava esteve sempre condicionada à sua capacidade de criar novas realidades. O fulgurante horizonte de redenção econômico-social do Nordeste, por meio de um programa de investimento planejado, que rompesse com as lógicas então imperantes, responsáveis por um quadro de acentuado arcaísmo e crescente descompasso em relação ao centro dinâmico da sociedade brasileira, era alguma coisa da ordem da utopia. Uma narrativa de redenção e reversão. Uma utopia racionalista².

Dos sucessos e (inúmeros) insucessos da Sudene, muito se sabe. A pertinência ou não das categorias de análise que deram lastro aos lineamentos básicos de seu programa de ação; a acurácia de suas estatísticas; o complexo jogo de pesos e contrapesos políticos com o qual ela precisava lidar para renovar, a cada lance, sua sobrevida institucional; os embates ideológicos, etc., são, todas essas, questões já esquadrinhadas, dissecadas, expostas em verso e reverso. Nem por isso, contudo, pode-se dizer que estejam esgotadas. Não obstante, não está nos propósitos deste projeto retomá-las. O propósito aqui é, a um só tempo, mais modesto e mais ambicioso. Antes de revisitar essas questões, o que se tem em vista é debater um aspecto derivado do projeto de criação da Sudene que, todavia, permanece inexplorado.

Em termos sintéticos, diria que a problemática subjacente a este artigo consiste em explorar a repercussão da constituição da Sudene sobre o campo intelectual regional, em especial naquilo que concerne ao Recife. De maneira mais específica, diria que a investigação aqui proposta cinge-se a perscrutar as ações e iniciativas da Sudene no sentido estimular o incremento de uma expertise técnica – mais afeita a tratamentos estatísticos, metodologias quantitativas, técnicas de avaliação de resultados, de diagnose de impactos –, assim como o reforço a campos disciplinares cuja formação pressupunha

² Francisco de Oliveira, também ele um artífice desse processo, exprime-se da seguinte maneira sobre os inícios dos trabalhos da Sudene: “Celso Furtado instalou-se nos altos do edifício Teresa Cristina, na rua da Aurora, ao lado do cinema São Luiz, com uma *Armatta de Brancaleone*. No máximo uns vinte funcionários, contando com ele, *para dar cabo da imensa tarefa de transformar o Nordeste, industrializando-o, fazendo a reforma agrária.*” Ver Francisco de Oliveira. *Noiva da revolução/Elegia para uma re(li)gião*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 63 – grifos meus.

atributos de igual jaez (engenharias, agronomia, geologia, etc.). A hipótese que guia esse trabalho é de que coube à Sudene, mais que às instituições universitárias então existentes, o protagonismo nessa direção. Ou, mais apropriadamente, dever-se-ia falar de iniciativas consorciadas Sudene-Universidades, em que à primeira coube estimular e fomentar ações de qualificação de profissionais em nível superior, ao passo que às Universidades correspondeu o esforço de implementação de tais ações. No fim, o que importa é chamar atenção para o papel decisivo que coube à Sudene ao inserir uma nova dinâmica no campo intelectual de uma cidade como o Recife dos anos 1960/70.

o O o

Ao escrever o relatório resultante de sua segunda visita técnica ao Nordeste, Stefan Robock manifestou nos seguintes termos seu diagnóstico sobre a falta de mão de obra qualificada para o empreendimento de planejamento em desenvolvimento econômico na região: "o pensamento econômico da região era monopólio absoluto de poetas e políticos. Todos os debates públicos eram feitos em termos emocionais e negativos" (S. H. Robock, apud COHN, 1976: p. 99). Esta, evidentemente, era uma opinião que exprimia uma avaliação de fundo: de que o obstáculo maior a ser enfrentado pelo Nordeste na nova quadra que se abriu com a emergência da postura que situava no plano do desenvolvimento econômico o cerne de seus problemas dizia respeito à formação de recursos humanos³:

³ É interessante notar, a esse propósito, que já em 1954, quando esteve a serviço do governo de estado de Pernambuco, incumbido de elaborar um relatório que, simultaneamente, oferecesse um diagnóstico e propusesse um plano de ações capaz de superar os obstáculos à industrialização do estado, o Pe. Louis Joseph Lebret tenha assinalado: "A valorização racional supõe a evolução industrial racional, não uma evolução caótica, feita ao acaso, mas coordenada, para corresponder às necessidades e às possibilidades, o que exige um vastíssimo estudo dessas necessidades e possibilidades. [...] Ela exige, insistimos mais uma vez, a formação de técnicos de indústria, de saúde, de ensino profissional, da alta cultura. Tudo isso é indispensável; se não há enquadramento técnico suficiente, o fracasso é certo. [...] São necessárias, ainda, uma ajuda financeira considerável e, condicionando-a, uma ajuda técnica também considerável (porque qualquer que seja o esforço imediato na formação de técnicos não os haverá suficientes, sendo preciso ir buscá-los em outra parte dentro do Brasil ou no estrangeiro). [...] A improvisação, quando se envolve numa solução que não é a solução certa, soterra as forças humanas e os capitais. Os enganos costumam

Além disso [revisão das diretrizes políticas em favor do desenvolvimento de uma região], conforme demonstra a experiência do Nordeste, é provável que uma mudança radical na política desenvolvimentista encontre a área não preparada em termos de pessoal tecnicamente qualificado e experimentado, não dispondo de dados estatísticos e estudos econômicos, e de instituições eficientes que favoreçam a execução das novas medidas. [...] *O capital é escasso no Nordeste do Brasil, mas, no presente estágio de desenvolvimento, a capacidade administrativa e institucional para a eficaz utilização de fundos ainda é mais escassa* (ROBOCK, 1964: p. 26, grifos meus).

A rigor, esta é uma posição que diz da centralidade que preocupações dessa ordem deveriam, na percepção de Robock, ocupar nas ações de instituições responsáveis por desencadear políticas de desenvolvimento, a exemplo da Sudene e do BNB⁴. De fato, a Lei 3.692, de 15/12/59, que instituiu a Sudene já previa em seu Art. 2, que estipula as finalidades da instituição, em sua alínea “a”, que à Sudene competiria: “estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento do Nordeste”. Ou seja, estava prevista a necessidade de se investir em iniciativas voltadas à criação de uma expertise capaz de produzir documentos técnicos desenhados segundo a missão da instituição.

É de se supor que a criação de tal massa crítica pressupunha o estímulo ao surgimento e/ou fortalecimento de espaços de estudo e pesquisa de caráter mais técnico. Atribuições dessa natureza estão também presentes no Art. 14 (competência da Secretaria Executiva), especialmente as alíneas “g” (“elaborar ou contratar a elaboração de projetos e dar assistência técnica a órgãos federais, estaduais e municipais na elaboração de programas e projetos que objetivem o desenvolvimento do Nordeste”) e

muito caro e frequentemente não podem ser superados. É necessário, então, que os estudos preliminares sejam feitos.” (LEBRET, 1974: pp. 60/61)

⁴ Robock era ligado funcionalmente à ONU, tendo vindo para o Brasil em missão internacional de cooperação técnica. Com relação à criação do BNB, Francisco Carlos Baqueiro, afirma: “Daí o avanço político-institucional representado pelo novo órgão. Avanço que será certamente maior quanto às realizações do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE), órgão do BNB criado em 1955 [saliente-se que o BNB apesar de criado em 1952 começou a operar, efetivamente, em 1954]. Dele sairão estudos pioneiros da renda na região e alguns diagnósticos setoriais da indústria nordestina, notadamente daqueles ramos em situação de crise. Também o Etene será responsável pela realização de importantes cursos para formação de técnicos em desenvolvimento econômico no Nordeste.” [Francisco Carlos Baqueiro Vidal. *Nordeste do Brasil – atualidade de uma questão: vicissitudes da teoria do subdesenvolvimento regional no contexto do capitalismo contemporâneo*; dissertação de mestrado – PPG de Administração/UFBA, 2001, p. 98, grifo meu]. Sobre o início do planejamento econômico aplicado à realidade do Nordeste, ver também, Albert O. Hirschman. *Política econômica na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1963.

“I” (“elaborar ou contratar a elaboração de estudos para o estabelecimento e reformulação periódica do plano diretor”). Na mesma linha, a Lei 3.995, de 14/12/61, que aprovou a 1ª etapa do Plano Diretor da Sudene prevê, em seu Art. 7, alínea “b”, que fica a Sudene autorizada a “contratar estudos e pesquisas sobre problemas do interesse do desenvolvimento do Nordeste.

O próprio Celso Furtado, ao escrever suas memórias sobre a criação e primeiros passos da Sudene, alude, em diversas passagens, à preocupação dada a essa questão e ao investimento feito. Desde logo, Furtado registra, em tom semelhante ao empregado por Robock, que já o Relatório GTDN trazia a marca de uma nova mentalidade a ser instituída na análise dos problemas regionais, marca de um *approach* técnico:

O documento *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste* revestiu-se de considerável importância, pois circunscreveu a área dos debates em torno da problemática nordestina, até então sem limites definidos. Ficava para trás a época da improvisação e do amadorismo. As proposições teriam que se basear em dados, se possível quantitativos, e em análises consistentes. A nova equipe que se iria construir penetraria no estudo da região com uma visão sistêmica que evitava a dispersão e a tendência ao isolamento dos especialistas (FURTADO, 1989: p. 56, grifos no original).

Ao longo da obra, Furtado elenca uma série de ações condizentes com a necessidade de formação e qualificação de profissionais aptos a lidar com as exigências decorrentes de um planejamento de desenvolvimento integrado. Segundo Furtado, uma das primeiras iniciativas resultou na organização de um programa de bolsas voltadas para cursos universitários considerados prioritários: agronomia, geologia, veterinária, engenharia.

O esforço visando a formar profissionais de nível superior pôde ser intensificado: foram concedidas 515 bolsas de estudos a candidatos aos cursos de habilitação às faculdades de agronomia (199), veterinária (66) e engenharia (250). Iniciou-se o levantamento dos laboratórios de ciências básicas dos colégios secundários oficiais do Nordeste, sendo examinados os de 51 colégios. Firmou-se um acordo para aquisição de equipamentos para sessenta laboratórios de química, física e biologia.

Foram concedidas bolsas de aperfeiçoamento no Centro-Sul a professores nessas disciplinas e de matemática (idem, p. 171).

Paralelamente, diversos cursos de qualificação foram dirigidos ao aprimoramento da mão-de-obra da administração pública.

Cerca de mil alunos passaram pelos cursos organizados pela SUDENE em Programação Orçamentária, Administração Municipal, Gerência de Cooperativas, Programação Educacional, Economia Agrícola, Aproveitamento de Recursos de Água, e Pavimentação Rodoviária. O principal objetivo desses cursos era levantar o nível técnico das administrações estaduais. (idem, pp. 170/171)

Segundo Celso Furtado, esse conjunto de investimento em formação e qualificação de pessoal tornou "possível dar maior profundidade ao trabalho de planejamento, em particular no que concernia a projetos de levantamento de recursos naturais e à atuação na agricultura" (idem, p. 141). De sorte que, ainda em suas palavras, a Lei que instituiu o II Plano Diretor da Sudene, em 1963, fez saltar "os pré-investimentos de 5 para 15%, graças a uma atenção muito maior dada à melhoria da capacitação do fator humano" (idem, p. 141).

Uma apreciação mais adequada de preocupações dessa ordem recomenda que se considere o movimento mais abrangente em que, paralelo à mudança de registro nos modos de se conceber a natureza dos problemas relacionados aos muitos arcaísmos e crescente hiato que parecia distanciar o Nordeste da porção Centro-Sul do país, fez-se sobressair aos fatores climáticos uma percepção calcada nos fundamentos que estruturavam seu setor produtivo e as formas que se inseriam na dinâmica maior da economia brasileira. Ora, tudo isso é bem conhecido, assim como se sabe perfeitamente que foi nos anos 1950 que tal mudança de registro começou a penetrar nos escaninhos mentais então dominantes. Cabe, porém, sublinhar que foi sob a tutela de estudos voltados para o planejamento econômico que toda uma nova demanda intelectual se criou e tornou-se dominante. Em decorrência, dada a inexistência de instituições e pessoal qualificado para tais funções é que começaram a proliferar recomendações de

toda sorte na direção de formar quadros e criar/fortalecer espaços institucionais com o perfil requerido⁵.

Não é o caso de recensear cada uma das ações articuladas em torno dessas iniciativas. Foram muitas e, no que particularmente nos parece importante ressaltar, foram resultantes tanto de arranjos políticos operados no âmbito federal, quanto na esfera estadual. Respeitante a estes últimos, os casos de Pernambuco e Bahia são, certamente, os mais emblemáticos. Respectivamente, a criação do CODEPE, em 1952, e da Comissão de Planejamento Econômico (CPE), em 1955, esta última sob a inspiração de Rômulo de Almeida, representam uma antecipação na direção da formação de comissões de assessoramento em planejamento econômico. Em todos os casos, seja em plano federal, seja estadual, ecoava recomendações como as do Pe. L. J. Lebret, de que "uma equipe de estudos bem aparelhada faz ganhar cem vezes, mil vezes, as despesas que se tem com ela" (LEBRET, 1974: p. 61). Ainda segundo o eminente economista:

Todo desperdício, toda indicação falsa é uma ruína, e, assim, o desenvolvimento deve se obter a um custo o menos elevado possível. E isso salienta a importância dos bureaux de estudo e dos trabalhos dos técnicos para obter o maior rendimento possível, dado que é desse rendimento que vai depender a segurança econômica do plano, dos mercados e das trocas e é dele que vai depender, portanto, o nível de vida das populações (idem, p. 80)⁶.

⁵ Comentando sobre sua impressão acerca das universidades então existentes no Recife, afirma C. Furtado: "O levantamento que fizemos do desempenho das escolas superiores mantidas pelo governo federal deixou-nos alarmados. A subutilização do equipamento existente era flagrante. A Universidade Rural, localizada nas proximidades do Recife, tinha menos de dez alunos cursando o primeiro ano de agronomia. Os custos de formação de um médico na Universidade Federal de Pernambuco eram mais altos que nas boas universidades do Centro-Sul, em razão do baixíssimo número de alunos. [...] A causa apontada da subutilização de capacidade era a insuficiência dos cursos médios, que inviabilizavam o vestibular para a grande maioria dos candidatos. [...] Não havia como desconhecer que era indispensável realizar um grande esforço no campo da formação de profissionais de nível superior, se o propósito era efetivamente mudar o Nordeste." (Idem, p. 86)

⁶ Ainda nesse diapasão, o Pe. Lebret assinala quais são, a seu ver, os obstáculos ao desenvolvimento do Nordeste: "Segundo [o primeiro ponto considerado pelo autor é a falta de capitais disponíveis na região]: densidade insuficiente de mão-de-obra altamente qualificada e de quadros técnicos. Nessa mão-de-obra, o número de operários qualificados é insuficiente porque o desenvolvimento da indústria é muito fraco. Vinte e cinco mil trabalhadores industriais numa cidade como Recife é extremamente pouco e, à medida que se penetra no interior, é muito menor ainda esse número. Além dos quadros técnicos existentes, as escolas de engenharia não fornecem, ainda, suficiente número de engenheiros. Pode-se dizer que seria necessário triplicar ou quadruplicar esse número, para atingir uma produção satisfatória de técnicos, sejam agrônomos, sejam engenheiros industriais e aí está um esforço capital a fazer. Sem isso é evidente que o desenvolvimento será insuficiente, pois que ele é impossível sem o indispensável enquadramento técnico." (Op. Cit., pp. 47/48)

o O o

Talvez tudo isso fique melhor compreendido se olharmos para o panorama mais amplo do campo cultural da cidade, no intervalo de tempo que nos interessa. Observe-se que se requer aqui uma dupla mirada: de um lado está a paisagem cultural do Recife na época, do outro está o lugar específico que uma instituição como a Sudene pôde ocupar (e que, necessariamente, só pode ser devidamente apreciado quando confrontado com os demais componentes deste quadro maior)⁷.

Com relação ao primeiro desses aspectos, caberia registrar que, como já notou mais de um observador da vida cultural do Recife, nela ocupava uma posição saliente a antiga Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco). Bem compreender esta posição hegemônica requer, porém, que se atente para, pelo menos, dois aspectos. Em primeiro lugar, considerado o sistema intelectual da cidade, é preciso perceber que sua posição de destaque resultou da consolidação e reunião das antigas escolas superiores num mesmo edifício institucional. Observe-se, por outro lado, que nenhuma dessas escolas superiores originárias – medicina, engenharia, belas artes, etc. – eram capazes de concorrer com o prestígio e reconhecimento social que o curso jurídico propiciava e, conseqüentemente, não tinham o mesmo poder de configurar representações sobre a sociedade de então, nem, muito menos, de construir horizontes que sinalizassem superações das realidades vivenciadas. Deve-se registrar, quanto a isto, que à Faculdade de Direito tradicionalmente cabia a função de proporcionar uma formação humanística, algo que apenas veio a ser uma marca da Universidade como um todo depois que a Faculdade de Direito passou a sofrer a concorrência dos cursos que

⁷ Como não deve ter escapado ao leitor, este trabalho segue de perto as orientações metodológicas de P. Bourdieu no que diz respeito aos campos de produção cultural e, em especial, para o movimento dialético, tensional, em que um *habitus* e a configuração histórica de um campo se cruzam. Ver, do autor, *A economia das trocas simbólicas*; São Paulo: Perspectiva, 1992, e *As regras da arte*, São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

futuramente ficariam abrigados nos institutos de arte (Arquitetura, Música, Teatro, etc.) e humanidades (Filosofia, História, Ciências Sociais, etc.).

De maneira mais geral, e a despeito de tudo, de todos os obstáculos e entraves interpostos, a cidade não era de forma alguma um terreno árido ao pleno exercício (e fruição) da condição de intelectual, em especial, para aqueles intelectuais de formação humanística ou, o que redundava quase no mesmo, bacharelesca. Havia mesmo, como sói acontecer, uma ambiência e uma expectativa de consumo e comportamento peculiares a esses espíritos cultivados⁸. Toda uma geografia de ruas e travessas onde, mercê das livrarias, sebos e representantes de casas editoras, essa curiosa fauna habitualmente encontrava-se e mutuamente saciava-se em conversas e tertúlias literárias. Um circuito relativamente ativo de conferências, palestras e exposições, atuava de modo a complementar os espaços dedicados à sociabilidade dos letrados.

Eram, todas essas, oportunidades de crescimento intelectual mas também de choque; de confirmação de convicções e de surpreender-se com o desconhecido; de reconhecer-se pertencendo a uma ou outra família intelectual mas também, por isso mesmo, de insurgir-se contra os não convertidos; enfim, eram momentos de formação e afirmação, assim como de descobrir-se preso nas estreitas fronteiras de uma província intelectual. Sendo eventos de frequência obrigatória para o aspirante a intelectual, também o era para o medalhão e o *dandi* intelectual. Por tais eventos, em uma ocasião ou outra, virtualmente circulavam todos aqueles jovens que estavam seriamente empenhados em expandir ou solidificar seus horizontes culturais. Lá se defrontariam com aqueles intelectuais já reconhecidos e estabelecidos, além dos indefectíveis representantes do mandarinato intelectual local. Encontrariam também com um sem-número de *parvenus* intelectuais, para quem, no fundo, tudo não passava de uma obrigação social a mais, a que se ia porque era de bom-tom.

Come é de praxe, coube aos jornais fazer eco a toda essa movimentação. Suas edições dominicais, com seus suplementos culturais, somados às várias revistas de perfil

⁸ Ver, a propósito, Pierre Bourdieu. *A distinção. Crítica social do julgamento*; São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007. Desenvolvo mais essas ambiências e sociabilidades letradas em *O movimento e a linha*.

lítero-cultural que eram editadas na cidade, é que se constituíram no centro aglutinador para onde convergiam – e a partir de onde eram verdadeiramente vocalizados – todos os debates que de algum modo se ocupavam das coisas da cultura. Ninguém jamais ousaria em ganhar o reino dos céus sem antes se batizar nas águas dessas publicações. E, dada a multiplicidade de opções, ver impresso um pequeno ensaio crítico, poema, entrevista, ou coisa que o valha, não era um feito que requeresse esforço extraordinário. Realmente, a existência de suplementos culturais nos principais jornais da cidade, concomitante à circulação de revistas como *Contraponto*, *Nordeste* e *Região*, compunha um apreciável campo aberto a diletantes (no bom sentido do termo) e profissionais da cultura.

“Organizados” em grupos, dinamizavam a vida cultural da cidade. Eram suas ambições intelectuais – e as formas que escolhiam para expressá-las, torná-las públicas – o que, efetivamente, davam um caráter múltiplo e dinâmico a esse cenário. Era, mais ainda, como coletivos que logravam fazer eco a seus pontos de vistas, o que, eventualmente, permitia-lhes interferirem no curso das disputas intelectuais, balizarem suas respectivas fronteiras, emergirem, enfim, como protagonistas nesse cenário.

Não obstante a emergência de um discurso crítico entre segmentos mais diferenciados desses intelectuais, cumpre ressaltar a predominância de certo caráter beletrista a dar a tônica dos debates culturais e da formação intelectual. É frente, pois, a essa paisagem que o advento da Sudene precisa ser contraposto.

o O o

Para Francisco de Oliveira, principal auxiliar de Celso Furtado no projeto de implementação da Sudene, e ele próprio um expoente do trabalho desempenhado pela instituição, o impacto da instalação da Sudene numa cidade como o Recife foi verdadeiramente expressivo: “A presença da Sudene na cidade a transformou, e Furtado foi como o príncipe da bela história: seu beijo ardente, sua convicção, um raro exemplo

de paixão tranquila, despertou-a do longo sono em que havia mergulhado um século antes” (OLIVEIRA, 2088: p. 66). Em mais de um aspecto. Desde os mais comezinhos (aumento da massa salarial e sua repercussão sobre o setor de serviços, imobiliário, etc.), até, para o que aqui nos interessa, sobre seu universo intelectual/universitário.

A Universidade também experimentou uma notável valorização, dado o aumento de demanda de quadros superiores para as tarefas de planejamento, pesquisa e execução de obras. A então Universidade do Recife [...] beneficiou-se imediatamente, com a consolidação e ampliação de seu recentíssimo curso de Geologia, que a Petrobrás também apoiava. Convênios de pesquisa foram firmados com as universidades públicas existentes. A tradição de pesquisa sobre os recursos do Nordeste, que a Inspetoria das Secas, depois Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, tão bem havia criado – exemplificada no magnífico homem público José Guimarães Duque –, foi abandonada quando o Dnocs passou a ser o valhacouto da política mais infame. A Sudene retomou-a em todas as direções e setores. (idem, p. 68)

No modo de ver de F. de Oliveira, as universidades e, principalmente, o campo intelectual da cidade foram imensamente beneficiados com a nova realidade resultante da instalação da Sudene (“o impacto maior deu-se nos planos político e intelectual. Não era irrelevante que o Recife voltasse a ser parada obrigatória de personalidades de primeira plana”, idem, p. 69). Ressalte-se, porém, que essas reminiscências de F. de Oliveira, como todo trabalho de revisitação de experiências passadas por meio de ativação de recursos de memória, exprimem exatamente a projeção de determinada percepção que o hoje constrói sobre a realidade vivenciada. Daí que o autor, ainda que não faça uma correlação direta, venha de qualquer maneira a identificar esse particular momento em que a Sudene se instaura com toda uma ebulição política e intelectual na cidade, que a recoloca no primeiro plano das atenções nacionais.

Por toda parte, um novo entusiasmo lotava os auditórios das conferências; estudantes se preparavam para os congressos da União Nacional dos Estudantes e da União dos Estudantes de Pernambuco; Paulo Freire anunciou ao Brasil, na célebre entrevista a *O Cruzeiro*, ‘que de pé no chão também se aprende a ler’; dom Helder Câmara levou a CNBB a realizar a reunião de Natal, na qual uma Igreja Católica que se renovava, anunciando a Teologia da Libertação, jogou seu peso no apoio à transformação social. (idem, p. 71)

O mais apropriado, porém, para se dimensionar a institucionalização das iniciativas da Sudene no que concerne à formação de quadros técnicos talvez seja

observar o apoio fundamental que deu à criação de um mestrado em sociologia e economia junto ao Instituto de Ciências do Homem (ICH), da já então Universidade Federal de Pernambuco.

Tendo por pedra de toque a formação de “especialistas que possam assumir responsabilidades técnicas em programas de desenvolvimento socioeconômico”⁹, o que encontrava plena ressonância nas agências de financiamento norte-americanas, foi possível à Universidade dar início ao primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* nas áreas (economia e sociologia) em todo o Norte-Nordeste.

A USAID [instituição que, em 1966, se somou à Sudene no financiamento da instalação e funcionamento do novo mestrado] não estava interessada num programa formal de mestrado, mas na preparação específica de pesquisadores para fornecer à SUDENE os dados de que essa agência necessitava para o planejamento econômico e social da região. *Recursos humanos eram, segundo os técnicos norte-americanos, a prioridade em Washington e uma espécie de “palavra-chave”, na expressão de um deles, para a obtenção de recursos*¹⁰.

Tocando as teclas certas, que faziam acender o interesse das instituições financiadoras, a proposta de criação da Pós-Graduação não requereu esforço sobre-humano para vingar. Afinal, conforme exprimia Stefan Robock, por esses mesmos anos iniciais da década de 1960, ao tomar em consideração a experiência do Nordeste e o que ela apontava em termos da necessidade de se avaliar as diretrizes políticas em favor do desenvolvimento de uma região, é que ela levava água ao moinho daqueles que propugnavam por uma revisão de prioridades. De sua parte, profundamente preocupado com a formação de recursos humanos (expertise) que resultassem num corpo de profissionais capazes da elaboração de estudos técnicos, o autor enfatizava que:

⁹ Ver “Projeto Unesco/Sudene/Banco Mundial”, de 1963, transcrito em SOUTO MAIOR, 2005: p. 73. É preciso sublinhar a importância dessa obra, uma vez que seu autor não apenas foi figura de proa do processo que resultou na instalação da Pós-Graduação em Sociologia e Economia, o que dá ao livro um inequívoco caráter de testemunho, mas também porque sua escritura exigiu um importante trabalho de organização da memória e reunião de documentação correlata. De tal maneira que 2/3 do livro é constituído de anexos com transcrição de documentos.

¹⁰ Idem, p. 29, grifos meus. O autor informa também que “O apoio da SUDENE trouxe, como consequência, o apoio da USAID”, idem, ibidem.

é provável que uma mudança radical na política desenvolvimentista encontre a área não preparada em termos de pessoal tecnicamente qualificado e experimentado, não dispondo de dados estatísticos e estudos econômicos, e de instituições eficientes que favoreçam a execução das novas medidas. [...] O capital é escasso no Nordeste do Brasil, mas, no presente estágio de desenvolvimento, a capacidade administrativa e institucional para a eficaz utilização de fundos ainda é mais escassa. (ROBOCK, 1964: p. 26)

Daí que em meio a um leque amplo de saberes técnicos a serem fomentados, o autor conferia à formação de economistas e demais pessoal técnico especialista em planejamento econômico uma importância impar. Segundo Robock, a partir da 2ª Guerra:

As crescentes iniciativas governamentais no setor de desenvolvimento econômico, estimuladas e apoiadas pela assistência técnica dos Estados Unidos, foram acompanhadas por dois outros desenvolvimentos – a expansão das pesquisas econômicas e o treinamento de economistas – que fortaleceram a base para o planejamento econômico. (ROBOCK, 1964: p. 104)

Isto passava, necessariamente, pela criação de cursos de graduação que permitissem a formação de profissionais qualificados num país que até os anos 1940 não dispunha de uma rede minimamente aceitável de cursos de formação de economistas¹¹. Mas também, e aqui ganhava relevo a iniciativa conjunta UFPE/Sudene/Usaid, a formação de quadros em nível de pós-graduação. Em particular porque, em conformidade com o que registrava documento desses primeiros anos,

São por demais conhecidas as deficiências do ensino tradicional de economia e sociologia, tal como ministrado pelas Faculdades da Região. Na formação do economista persistem as influências jurídico-institucionais em prejuízo das técnico-econômicas; nota-se a desatualização dos currículos e de grande parte

¹¹ “A oferta de economistas treinados, ainda um ponto crítico de estrangulamento no Brasil, foi aumentado pela criação de Faculdades de Economia em algumas das principais Universidades brasileiras, na década de 1940; pelo treinamento em serviço, junto a diversas missões assistenciais; e pela iniciativa de pequeno grupo de brasileiros, como Roberto Campos e Celso Furtado, na realização de estudos econômicos, em Universidades estrangeiras. Por volta de 1950, as Nações Unidas também começaram a causar um certo impacto no setor de pessoal, através de bolsas de estudos para o exterior, de seminários internacionais para economistas – como a Conferência de Porto Rico, da qual participaram Rômulo de Almeida e Roberto Campos, e proporcionando assistência técnica” (ROBOCK, 1964, p. 105).

do pessoal docente, bem como a pouca atenção dada aos problemas concretos da realidade econômica brasileira¹².

Na sequência da criação do mestrado em economia e sociologia, um conjunto abrangente de convênios foram firmados com a Sudene para a elaboração de estudos os mais diversos. Paralelo, portanto, ao treinamento e capacitação de quadros técnicos que a Sudene patrocinou¹³, um novo cenário se abriu com a criação dessa pós-graduação. É de se assinalar, a esse propósito, o quanto essa nova institucionalidade colaborava para colocar os estudos universitários num novo patamar. Um exemplo expressivo dessa nova realidade pode ser retirado da relação de professores que ministraram conferências ou participaram de seminários ao longo do ano de 1968. Dentre muitos nomes de relevo, caberia citar os seguintes, dada sua projeção internacional e caráter seminal de seus respectivos trabalhos: Albert Hirschman, Werner Baer, Albert Fishlow, James Tobin, e Gunnar Myrdal.

Retomando o argumento central desse artigo, parece razoável reconhecer a contribuição decisiva da Sudene no sentido de propiciar uma inflexão nas práticas tradicionais de exercício do trabalho intelectual. É, em boa medida, sob o acicate de sua atuação que setores da própria Universidade veriam surgir um horizonte prenhe de novas possibilidades, capazes de fazer vingar uma iniciativa que de outra forma precisaria se defrontar com obstáculos muito mais difíceis de serem transpostos. A Sudene propiciou não apenas recursos financeiros e campo de trabalho, ela deu o impulso inicial para a constituição de um novo mantra a martelar as mentes dos contemporâneos: a necessidade de “formação de pessoal especializado para a região”, apto a realizar os incontáveis “serviços técnicos” que começavam a ser requeridos numa

¹² Ver *Plano para cursos de mestrado em economia e sociologia nos anos 1967/1968*, transcrito em SOUTO MAIOR, 2005, pp. 79/126. A citação acima está à p. 92.

¹³ Segundo o relato de Celso Furtado, afora os incentivos criados para o incremento de pessoal habilitado a frequentar cursos superiores selecionados (particularmente, agronomia e geologia), fez-se, igualmente, um esforço no sentido de “levantar o nível técnico das administrações estaduais”. Em sua contabilidade: “Cerca de mil alunos passaram pelos cursos organizados pela SUDENE em Programação Orçamentária, Administração Municipal, Gerência de Cooperativas, Programação Educacional, Economia Agrícola, Aproveitamento de Recursos de Água, e Pavimentação Rodoviária. O principal objetivo desses cursos era levantar o nível técnico das administrações estaduais” (FURTADO, 1989, pp. 170/171).

escala antes inimaginável e, assim, “atender às solicitações de pesquisas de interesse para o desenvolvimento regional”.

Como decorrência, temos uma significativa redefinição do campo intelectual do Recife que, se ainda não era de ordem a soterrar a secular predominância de uma formação bacharelesca, certamente já via introjetado em sua dinâmica uma nova força que, como sabemos os pósteros, viria a ser dominante num lapso de tempo relativamente curto.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A distinção. Crítica social do julgamento*; São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007.

———. *A economia das trocas simbólicas*; São Paulo: Perspectiva, 1992.

———. *As regras da arte*, São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

COHN, Amélia. *Crise regional e planejamento*; São Paulo: Perspectiva, 1976.

FURTADO, Celso. *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HIRSCHMAN, Albert O. *Política econômica na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1963.

LEBRET, L. J. *Estudo sobre desenvolvimento e implantação de indústrias, interessando a Pernambuco e ao Nordeste*. Recife: Condepe, 1974.

OLIVEIRA, Francisco de. *Noiva da revolução/Elegia para uma re(li)gião*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ROBOCK, Stefan H. *Desenvolvimento econômico regional: o Nordeste brasileiro*. Rio de Janeiro/São Paulo: Fundo de Cultura, 1964.

SOUTO MAIOR, Heraldo Pessoa. *Para uma história da Sociologia em Pernambuco: a Pós-Graduação (1963-2004)*; Recife: Ed. UFPE, 2005.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico amador no Recife (1946-1964)*; Recife: Ed. UFPE, 2007.

VIDAL, Francisco Carlos Baqueiro. *Nordeste do Brasil – atualidade de uma questão: vicissitudes da teoria do subdesenvolvimento regional no contexto do capitalismo contemporâneo*; dissertação de mestrado – PPG de Administração/UFBA, 2001.